

Entre a concomitância e a não concomitância: efeitos de sentido da temporalização em jornais digitais sob um viés semiótico

Between concomitance and non-concomitance: meaning effects of temporalization in digital newspapers from a semiotic perspective

Breno Ernesto Rhoden ¹ 
Antonio Lemes Guerra Junior ² 

RESUMO

A migração do jornalismo para o ambiente digital transformou profundamente as práticas de leitura e circulação dos textos, rompendo com a linearidade e a estabilidade material do impresso. No meio digital, a atualização contínua, a hipertextualidade e a ampla acessibilidade reorganizam a experiência temporal do leitor, instaurando novas relações entre presente, passado e expectativa de futuro. Este artigo analisa os efeitos de sentido da temporalização no jornal *on-line*, tomando como *corpus* a seção "Colunas" da *Folha de S. Paulo*, especialmente suas subseções "Últimas" e "Ex-colunistas". Fundamentado na Semiótica Discursiva, o estudo descreve como a interface do jornal e seus mecanismos de acesso participam da construção de categorias temporais como concomitância, anterioridade e posterioridade. Os resultados indicam que o jornal digital amplia e flexibiliza a temporalidade ao permitir a convivência entre textos atualizados em tempo real e conteúdos arquivados permanentemente disponíveis, gerando uma experiência temporal marcada pela simultaneidade, pela expectativa de atualização e pela reativação de enunciados passados no presente da leitura. Conclui-se que a navegação hipertextual desloca a leitura da linearidade do impresso para uma lógica expansiva, em que o leitor assume papel ativo na atualização dos sentidos e na construção do percurso temporal do discurso.

Palavras-chave: Temporalização. Semiótica discursiva. Jornalismo digital. Concomitância e não concomitância. Hipertextualidade.

ABSTRACT

The migration of journalism to the digital environment has profoundly transformed reading practices and text circulation, breaking with the linearity and material stability of print media. In the digital medium, continuous updating, hypertextuality, and broad accessibility reorganize the reader's temporal experience, establishing new relations between present, past, and expectations of the future. This article analyzes the meaning effects of temporalization in online journalism, taking as its *corpus* the "Columns" section of *Folha de S. Paulo*, especially the subsections "Latest" and "Former Columnists". Grounded in Discursive Semiotics, the study describes how the newspaper's interface and its access mechanisms participate in constructing temporal categories such as concomitance, anteriority, and posteriority. The results indicate that the digital newspaper expands and flexibilizes temporality by enabling the coexistence of texts updated in real time with archived content permanently available, generating a temporal experience marked by simultaneity, the expectation of updates, and the reactivation of past enunciations in the present moment of reading. It is concluded that hypertextual navigation shifts reading from the linearity of print toward an expansive logic in which the reader plays an active role in updating meaning and constructing the discourse's temporal trajectory.

Keywords: Temporalization. Discursive semiotics. Digital journalism. Concomitance and non-concomitance. Hypertextuality.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina/PR, Brasil. E-mail: breno.ernesto.rhoden@uel.br.

² Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Centro de Estudos Semióticos da UEL (CESUEL - DGP/CNPq). Doutor em Estudos da Linguagem (UEL). Londrina/PR, Brasil. E-mail: guerrajr@uel.br.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os avanços tecnológicos modificaram de maneira significativa as práticas de leitura e produção, assim como os modos de circulação de textos. Entre essas transformações, destaca-se a mudança de gêneros tradicionalmente impressos para ambientes digitais, como é o caso daqueles que compõem o jornal. Vê-se que a mudança de suporte altera não apenas a forma e organização dos textos, mas também as relações enunciativas estabelecidas entre texto e leitor, permitindo novas dinâmicas de acesso, busca e atualização dos conteúdos.

No caso específico do jornal *on-line*, observa-se que a hipertextualidade, a expansão da acessibilidade e a atualização contínua das colunas e notícias reconfiguram a experiência temporal do leitor. Se, no impresso, a leitura é orientada por uma linearidade material prévia, no digital o enunciatário dispõe de um percurso mais fluido, não sequencial e potencialmente ilimitado, que atribui mais liberdade ao seu contato com o texto. Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão: como a temporalidade, especialmente o tempo da enunciação, se transforma na relação do leitor com o jornal *on-line*, em comparação com o jornal impresso?

Considerando essa problemática, o presente artigo tem o objetivo de analisar os efeitos de sentido relativos à temporalização no jornal digital, tomando como *corpus* a seção "Colunas" do site da *Folha de S. Paulo*. Busca-se compreender de que modo a ampliação de acesso, tanto a textos atualizados em tempo real quanto a arquivos de anos anteriores, produz uma experiência temporal distinta, marcada por categorias mais fluidas de concomitância e não concomitância (anterioridade e posterioridade), que se viam mais fixas no modelo impresso do jornal.

Para alcançar tal objetivo, na primeira seção do artigo, apresenta-se a fundamentação teórica, dividida em três eixos: (i) a noção de tempo no quadro epistemológico da Semiótica; (ii) a reconfiguração da temporalidade nos ambientes digitais; e (iii) a temporalização específica dos jornais *on-line*. Na sequência, descreve-se a metodologia adotada, detalhando-se o *corpus*, os critérios de seleção e as categorias de análise. Por fim, são apresentados e discutidos os resultados, seguidos das considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica que orienta o trabalho organiza-se em três eixos articulados, que permitem compreender o encaminhamento de um olhar teórico que parte de concepções mais gerais e se afunila em direção ao objeto específico da pesquisa. Inicialmente, discutem-se as bases da categoria do tempo no quadro epistemológico da Semiótica, com ênfase na perspectiva da Semiótica Discursiva. Em seguida, aborda-se como os ambientes digitais reconfiguram as relações temporais na leitura e na circulação dos textos, especialmente em função da hipertextualidade e da expansão da acessibilidade digital. Por fim, examina-se a temporalização própria do jornalismo *on-line*, destacando-se os modos de acesso e atualização que caracterizam a experiência do leitor em jornais digitais, preparando o terreno para a análise do *corpus* selecionado.

2.1 O tempo no quadro epistemológico da Semiótica

Ao debruçar-se sobre a questão do tempo, nota-se que, embora amplamente utilizado em diversas áreas do conhecimento (cf. Cagliari, 2008; Cavalcanti, 2025; Hawking, 2015; Reinberg, 2000; Seincman, 2002), este não se constitui como um conceito homogêneo. Ao contrário, trata-se de uma categoria marcada por forte polissemia, cuja compreensão varia de acordo com o campo teórico em que é mobilizada. O tempo pode ser concebido como fenômeno natural, como medida socialmente convencionada ou ainda como construção simbólica, psíquica e subjetiva, o que exige que se delimite com precisão o ponto de vista adotado em cada investigação. No âmbito dos estudos da linguagem, essa multiplicidade conceitual torna-se particularmente relevante³, uma vez que o tempo não é apenas algo que se representa no discurso, mas também algo que se constrói por meio dele.

De modo geral, conforme Fiorin (2008), evocando proposições de Benveniste (1989a), é possível distinguir ao menos três grandes concepções de tempo: o tempo físico, o tempo cronológico (ou crônico) e o tempo linguístico. O tempo físico refere-se aos processos naturais do mundo, regidos por leis da natureza e independentes da intervenção humana, como o envelhecimento dos corpos, por exemplo. Já o tempo cronológico corresponde à tentativa de mensurar e organizar esse fluxo por meio de sistemas convencionais, como calendários e relógios, que permitem localizar acontecimentos em uma linha temporal objetiva e estável. Ambas as concepções, no entanto, situam-se fora da linguagem, tratando o tempo como uma dimensão pré-existente ao discurso.

O tempo linguístico, por sua vez, distingue-se dessas concepções justamente por não existir fora do ato de linguagem, constituindo-se como um efeito produzido pela enunciação, aqui assumida, na perspectiva benvenistiana, como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1989b, p. 82). Como argumenta Fiorin (2008), o tempo não é simplesmente refletido pela linguagem, mas instaurado por ela: “A radical originalidade do tempo linguístico é que ele se constitui no ato de tomar a palavra, na enunciação. O momento em que o eu enuncia é o agora e, a partir desse momento, constitui-se o tempo linguístico” (Fiorin, 2008, p. 10, grifos do autor). Tal percepção atesta a noção de tempo como um efeito de sentido, engendrado pela linguagem.

Um exemplo interessante dessa dinâmica enunciativa é apresentado por Fiorin (2008, p. 12), ao mencionar expressões comuns em locuções de documentários científicos: com enunciados do tipo “estamos há cento e sessenta milhões de anos”, o autor demonstra que tais formulações não remetem a uma experiência direta do tempo físico, mas a uma construção discursiva que só se torna possível pela linguagem. Nesses casos, o “estamos” projeta um sujeito coletivo no presente da enunciação e, a partir dele, organiza uma relação temporal que abarca milhões de anos, evidenciando que o tempo é sempre um efeito do discurso.

É a partir dessa compreensão que a Semiótica Discursiva passa a tratar o tempo como uma categoria enunciativa. O tempo, nesse quadro teórico, não é concebido como um dado exterior ao texto, mas como um efeito produzido pelas operações de enunciação, que instauram um agora, um eu e um aqui a partir dos quais se organizam as

³ O interesse suscitado por essa diversidade de abordagens pode ser ilustrado pelo artigo de Silva (2024), intitulado “Categorizações temporais e sentido: modos de descrever ‘o’ tempo em estudos linguísticos”, no qual são enfatizadas as seguintes categorias: tempo verbal morfológico, tempo aspectual, tempo da enunciação e tempo semântico-discursivo.

relações temporais do discurso (Fiorin, 2016). Contudo, vale destacar distinções conceituais: "É necessário, em primeiro lugar, distinguir o *tempo*, categoria da língua, da *temporalização*, procedimento de construção das temporalidades no discurso" (Fiorin, 2008, p. 9, grifos do autor).

A temporalidade, o efeito de sentido em si, decorrente da temporalização, organiza-se a partir da relação que o enunciado estabelece com o momento da enunciação, isto é, com o agora instaurado pelo ato enunciativo. É esse agora que funciona como ponto de referência para a construção das relações temporais fundamentais do discurso. Nesse sentido, de acordo com categorias que estruturam a temporalização, "os acontecimentos podem ser concomitantes, anteriores ou posteriores a cada um desses momentos de referência, o que significa que, para cada um desses momentos, há um presente, um pretérito e um futuro" (Fiorin, 2008, p. 11) que serão definidos sempre em função das relações entre o tempo do enunciado e o tempo da enunciação.

A concomitância ocorre quando o acontecimento discursivo é apresentado como simultâneo ao agora da enunciação, produzindo um efeito de coincidência temporal entre o dizer e o dito. Já a não concomitância refere-se aos casos em que o acontecimento se afasta desse agora, projetando-se seja para um momento anterior, seja para um momento posterior. Assim, a não concomitância não constitui uma categoria homogênea, mas desdobra-se em duas modalidades distintas: a anterioridade, quando o evento é situado como anterior ao momento da enunciação, e a posterioridade, quando é apresentado como posterior a ele.

Fiorin (2008) demonstra que essas relações não correspondem a uma simples localização cronológica dos acontecimentos, mas resultam de operações enunciativas que organizam o tempo como um efeito de sentido. A anterioridade e a posterioridade só podem ser interpretadas em função do agora instaurado pelo discurso, o que reforça a ideia de que o tempo linguístico é sempre relacional e construído no interior da linguagem. Esse funcionamento evidencia o interesse específico da Semiótica em descrever os mecanismos enunciativos responsáveis pela projeção temporal e pela produção de efeitos de sentido no discurso, inclusive quando este se manifesta em diferentes materialidades, como as digitais.

2.2 A reconfiguração da temporalidade nos ambientes digitais

Se, no quadro epistemológico da Semiótica, a temporalidade é concebida como um efeito produzido pelas operações enunciativas, organizando-se a partir de um agora que estrutura as relações de concomitância e não concomitância, torna-se necessário investigar de que modo essas categorias são reconfiguradas quando o discurso passa a circular em ambientes digitais, alterando significativamente as condições de produção, circulação e acesso aos textos. Afinal, a emergência das tecnologias digitais introduz uma ruptura nas fronteiras espaciais e temporais⁴ que tradicionalmente organizavam as práticas discursivas, instaurando novas formas de presença, circulação e atualização do dizer.

A materialidade própria do digital não apenas amplia as possibilidades de comunicação, mas interfere nos próprios mecanismos de organização do sentido,

⁴ Vide, por exemplo, a noção de "emaranhado temporal" utilizada por Santaella (2024) como um dos atributos caracterizadores do contemporâneo, ao lado de outros aspectos, tais como: hibridismo; interatividade onipresente; aceleração; e estilçamento discursivo.

impactando categorias tradicionalmente estabilizadas no suporte impresso. Nesse contexto, as concepções de tempo discutidas no quadro epistemológico da Semiótica, como em Fiorin (2008; 2016), passam a ser reajustadas, uma vez que as condições materiais do discurso digital incidem diretamente sobre sua temporalidade. Entre essas transformações, destaca-se a possibilidade de arquivamento em larga escala, que mantém os textos permanentemente disponíveis e passíveis de reativação, alterando a relação entre passado e presente discursivos.

A mudança de suporte implica, assim, uma alteração significativa na relação entre texto e leitor. Diferentemente do impresso, marcado por maior linearidade e estabilidade material, o texto digital caracteriza-se por sua fluidez, por sua constante possibilidade de atualização e navegação entre textos. Essas características fazem com que o tempo deixe de operar apenas como sucessão ordenada de eventos para assumir uma lógica mais fragmentária e expansiva. A relativa ruptura da linearidade não significa ausência de organização, mas deslocamento para uma estrutura reticular, em que a progressão textual se constrói por conexões. Conforme Santaella (2024, p. 9):

O abandono da linearidade temporal, de certa forma, foi impelido pelo advento da cultura digital que já se anunciava nitidamente nos anos 1980. Acompanhada pela escalabilidade dos sistemas computacionais e das redes (algoritmos e protocolos) em sua capacidade de melhorar seu desempenho na proporcionalidade do que lhe é adicionado, o digital veio para embaralhar todas as cartas no jogo do tempo: simultaneidade, sincronidade, o passado no presente, o presente de muitos passados, futuros antecipados pelas simulações computacionais etc. Isso que apenas se anunciava há poucas décadas intensificou-se cada vez mais.

É nesse cenário que a noção de hipertextualidade se mostra central para a compreensão da temporalidade nos ambientes digitais. Segundo Koch (2007, p. 25), “o termo hipertexto designa uma escritura não sequencial e não linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos”. Assim, compreende-se que, ao deslocar a progressão textual do autor para o leitor, o hipertexto rompe com a sequência fixa característica do texto impresso e inaugura uma lógica de navegação que confere maior liberdade ao leitor, permitindo percursos de leitura variados e a articulação de textos diversos, inclusive de tempos distintos.

Marcuschi (1999), ao discutir a linearização no hipertexto, afirma que a não linearidade tensiona os modos tradicionais de organização textual, pois exige do leitor operações de seleção, hierarquização e definição de percursos. Nesse sentido, o hipertexto torna visível, na própria materialidade do suporte, uma dinâmica que já atravessava a leitura, mas que, no ambiente digital, passa a constituir princípio organizador do texto.

Em consonância com essa perspectiva, Xavier (2005) sustenta que a leitura é, por natureza, um processo complexo e não linear; o que o hipertexto digital faz é intensificar e estruturar essa condição, deslocando a não linearidade do plano exclusivamente cognitivo para também o plano estrutural, com impactos diretos na experiência temporal do texto. Essa estrutura hipertextual produz efeitos diretos sobre a experiência temporal do discurso. A leitura deixa de obedecer a uma ordem previamente determinada e passa a ocorrer por meio de saltos, retomadas e interrupções, fazendo com que textos produzidos em momentos distintos possam ser acessados de forma concomitante. Como observa Koch (2007), o hipertexto favorece a atualização constante do sentido, uma vez que cada percurso de leitura reconfigura a relação entre os fragmentos textuais, produzindo uma experiência temporal marcada pela simultaneidade e pela instabilidade.

Ribeiro (2006, p.17) destaca que “a leitura não só acontece de maneira hipertextual, seja o texto (produto) como for e onde estiver, como também o leitor reconfigura seus conhecimentos sobre o texto, os suportes e a tecnologia de ler à medida que aprende um novo gesto de leitura”. Essa nova dinâmica implica uma reorganização da temporalidade, uma vez que o leitor passa a transitar entre diferentes momentos de produção discursiva, articulando-os em um mesmo percurso.

Nesse sentido, a temporalidade no ambiente digital não se organiza apenas em termos de anterioridade ou posterioridade, mas passa a operar por meio da coexistência de diferentes tempos discursivos. O passado, longe de se apresentar como algo concluído, mantém-se disponível e permanentemente atualizável, enquanto o presente se constitui como um fluxo contínuo de enunciações e atualizações. O acesso facilitado às informações por meio de *links* e sistemas de indexação instaura uma lógica de concomitância, na qual diferentes camadas temporais podem ser convocadas a partir de um mesmo agora enunciativo.

Trata-se de uma reconfiguração do tempo discursivo que prepara o terreno para a análise do jornal *on-line*, espaço em que a convivência entre arquivos, atualizações em “tempo real”⁵ e percursos hipertextuais evidenciam os novos efeitos de sentido produzidos pela ampliação e flexibilização da temporalidade. No jornal digital, a notícia não se encerra na linearidade da edição, mas se desdobra em conexões, arquivos e atualizações contínuas, configurando uma temporalidade expandida e em permanente recomposição.

2.3 A temporalização no acesso ao conteúdo jornalístico digital

Ao considerar o jornal *on-line* como objeto de análise, torna-se necessário compreendê-lo não apenas como um conjunto de gêneros textuais disponibilizados em meio digital, mas como um dispositivo enunciativo específico, cuja materialidade técnica incide diretamente sobre as formas de organização do tempo e do espaço. Diferentemente do jornal impresso, caracterizado pela estabilidade material, pelo fechamento diário e por uma ordem de leitura previamente estabelecida, o jornal digital se define principalmente pela atualização constante de material e pela possibilidade de acesso simultâneo a conteúdos produzidos em diferentes momentos. Nesse contexto, as categorias de tempo e espaço assumem papel central na produção dos efeitos de sentido, como destaca Faria (2015), ao analisar o funcionamento enunciativo do jornal *on-line*.

Segundo Faria (2015), a passagem do suporte impresso para o digital implica uma reorganização das estratégias enunciativas, sobretudo no que diz respeito à temporalização do discurso jornalístico, aqui entendida, conforme discutido, como o procedimento de construção das relações temporais do discurso (Fiorin, 2008), que passa a incidir também sobre as condições de acesso, circulação e atualização dos conteúdos. No ambiente *on-line*, o princípio da atualidade ganha relevo, uma vez que o discurso se constrói em um processo contínuo de atualização, no qual o tempo do dizer tende a se aproximar do tempo do acontecimento. Sobre essa transição, a autora destaca que:

⁵ Expressão utilizada para designar a atualização e a disponibilização quase imediata de informações nos ambientes digitais, produzindo o efeito de concomitância entre acontecimento e relato. Do ponto de vista discursivo, trata-se da construção de um efeito de imediatividade, reforçando a impressão de coincidência entre o tempo do acontecimento e o tempo da enunciação.

Na versão *on-line* há uma expansão da temporalidade. Nunca uma notícia se dá antes ou depois de um momento de **fechamento** do jornal, como ocorre nas redações, mas sim ao mesmo tempo, já que sua edição está sendo atualizada constantemente, formando uma sucessão, uma continuidade (Faria, 2015, p. 190, grifo da autora).

Assim, em contraste com o jornal impresso, que inscreve o discurso em um tempo já encerrado pela materialidade do “fechamento” da edição, o suporte digital instaura um efeito de concomitância ininterrupta.

No entanto, faz-se possível observar o funcionamento do jornal *on-line* para além da lógica estrita da notícia, contando com o fato de que o jornal é composto por diferentes gêneros, percebendo que esse regime de atualidade convive com outras formas de organização temporal. A estrutura dos *sites* jornalísticos, ao disponibilizar textos recém-publicados e conter outros conteúdos passados arquivados, cria um espaço de acesso no qual diferentes temporalidades se sobrepõem. À luz da concepção de tempo linguístico proposta por Fiorin (2008), essa coexistência não implica a dissolução do agora da enunciação, mas a complexificação das relações entre o tempo da enunciação e o tempo do acesso aos textos enunciados.

Esse deslocamento do foco (do tempo inscrito no texto para o tempo do acesso) permite compreender a temporalização no jornal *on-line* como um fenômeno que ultrapassa o nível estritamente discursivo. Conforme argumentam Teixeira, Faria e Azevedo (2017), nos ambientes digitais, a materialidade técnica participa ativamente da produção de sentido, integrando o próprio funcionamento da enunciação. A interface, nesse sentido, não atua como um suporte neutro, mas como um elemento que organiza os percursos possíveis de leitura e condiciona as formas de interação entre enunciador e enunciatário. O tempo do acesso, portanto, ao contrário de uma categoria autônoma, constitui uma manifestação da temporalização discursiva na materialidade digital.

A partir dessas considerações, o acesso ao conteúdo jornalístico digital pode ser entendido como um gesto enunciativo, no qual o enunciatário constrói seu percurso de leitura a partir das possibilidades oferecidas pela interface. Tal perspectiva permite pensar que o tempo da leitura não se encontra rigidamente atrelado ao tempo da publicação, mas se reorganiza no contato com a materialidade digital, que viabiliza a circulação contínua entre textos produzidos em diferentes momentos.

É nesse quadro teórico que se insere a análise da seção “Colunas” do *site* da *Folha de S. Paulo*. Diferentemente dos textos jornalísticos informativos, cuja leitura tende a estar fortemente vinculada ao acontecimento imediato e ao princípio da atualidade, tal como enfatizado por Faria (2015) em sua análise do discurso noticioso, as colunas instauram um regime temporal específico. Muitas dessas produções, sobretudo aquelas associadas ao gênero crônica, aproximam-se de uma escrita de caráter literário, cuja construção de sentido não depende da atualização imediata do enunciatário. Embora publicadas em datas determinadas, essas colunas permanecem disponíveis no arquivo digital do jornal, podendo ser acessadas independentemente do momento de sua publicação, o que incide diretamente sobre a relação temporal estabelecida entre o enunciatário e o texto.

No jornal impresso, a leitura das colunas encontra-se condicionada a uma organização temporal rígida: o acesso aos textos é delimitado pela edição do dia, e o percurso de leitura é orientado pela disposição material das páginas, o que restringe o contato do leitor a um recorte temporal específico. Já no jornal *on-line*, a disponibilização contínua das colunas possibilita ao enunciatário acessar textos produzidos em diferentes

momentos, construindo percursos de leitura que não obedecem à linearidade temporal da publicação. Nesse contexto, além do princípio da atualidade destacado por Faria (2015), emerge um efeito de sentido associado à anterioridade, na medida em que textos arquivados permanecem acessíveis e semanticamente produtivos no momento presente da leitura.

À luz das categorias propostas por Fiorin (2008), observa-se uma reconfiguração das relações de concomitância e não concomitância. O agora da enunciação do acesso passa a coexistir com textos situados em momentos anteriores, de modo que a anterioridade deixa de operar como simples afastamento cronológico e passa a constituir uma temporalidade disponível no presente da leitura. A posterioridade, por sua vez, perde seu caráter estritamente prospectivo, uma vez que o acesso aos textos não depende exclusivamente da sequência temporal das publicações.

Dessa forma, a temporalização no acesso ao conteúdo jornalístico digital não se caracteriza pela supressão das categorias temporais, mas por sua reorganização. O tempo linguístico continua a estruturar-se a partir do agora da enunciação, porém esse agora deixa de funcionar como limite exclusivo de acesso aos discursos. No contexto do jornal *on-line*, especialmente na seção “Colunas”, instaura-se um regime temporal marcado pela coexistência de diferentes temporalidades, o que relativiza a linearidade própria do impresso e prepara o terreno para a análise do *corpus* selecionado, metodologicamente descrita na sequência.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-interpretativo, fundamentada nos pressupostos da Semiótica Discursiva, segundo a qual os efeitos de sentido não são dados exteriores ao texto, mas resultados das operações enunciativas inscritas em sua materialidade. Assim, a análise busca descrever como a temporalidade é construída no jornal digital, considerando especialmente que, nos ambientes *on-line*, a interface e os mecanismos de acesso participam do processo de significação tanto quanto os textos publicados.

Conforme já antecipado na última seção teórica, o objeto do estudo consiste na seção “Colunas” da versão digital do jornal *Folha de S. Paulo*, que reúne simultaneamente conteúdos atualizados e conteúdos arquivados. Tal escolha justifica-se pelo fato de que essa seção evidencia diferentes modos de temporalização, permitindo observar como o leitor transita entre textos recentes e textos distantes no tempo, compondo percursos de leitura que não obedecem à linearidade própria do suporte impresso.

O processo de seleção do *corpus* buscou contemplar elementos que materializam regimes temporais distintos. Para isso, foram coletadas capturas de tela das subseções “Últimas” e “Ex-colunistas”, apresentadas ao longo da análise. A primeira representa a lógica da atualização contínua, enquanto a segunda manifesta a disponibilidade permanente do arquivo. Essas imagens não são tratadas apenas como ilustrações, mas como objetos enunciativos cuja organização técnica e visual produz efeitos de sentido sobre a temporalidade – coerente com a concepção de materialidade digital desenvolvida no campo da Semiótica. Cabe ressaltar que o *corpus* não pretende esgotar ou quantificar o fenômeno, mas evidenciar, com tais exemplos, uma dinâmica de organização temporal recorrente na seção “Colunas”.

As categorias de análise são fundamentadas em Fiorin (2008), que compreende o tempo linguístico como efeito da relação entre o momento da enunciação e o momento dos acontecimentos apresentados. Para facilitar a organização metodológica, tais categorias são sintetizadas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Categorias de temporalização aplicáveis na análise

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	IDENTIFICAÇÃO NO JORNAL DIGITAL
Concomitância	Relação de simultaneidade entre o acontecimento discursivo e o agora da enunciação.	Subseção “Últimas”: coluna publicada no mesmo intervalo em que é acessada pelo leitor.
Anterioridade (não concomitância I)	O acontecimento é apresentado como anterior ao momento da enunciação.	Subseção “Ex-colunas”: textos publicados em data anterior à do acesso, permanecendo disponíveis no arquivo digital.
Posterioridade (não concomitância II)	O acontecimento é projetado para um momento futuro em relação ao agora da enunciação.	Renovação contínua do fluxo de “Últimas”, com substituição periódica dos textos exibidos.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Fiorin (2008).

A análise realiza-se por meio da descrição dos elementos da interface, da interpretação dos efeitos de sentido resultantes da organização temporal desses elementos e da articulação com as categorias elencadas. Mais especificamente, observam-se a data/horário de publicação exibidos na interface, a posição do texto no fluxo de rolagem e sua presença nas subseções “Últimas” ou “Ex-colunas”, elementos relacionados às categorias do Quadro 1. O foco não recai sobre o conteúdo verbal das colunas isoladamente, mas sobre o modo como o jornal digital organiza as condições de acesso e, com isso, reconfigura as relações de concomitância, anterioridade e posterioridade na experiência de leitura.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A entrada no *corpus* selecionado – a seção “Colunas” do jornal *Folha de S. Paulo* – revela, de imediato, a materialização das estratégias de temporalização que regem o jornalismo digital. Ao acessar a página principal da seção, o enunciatário é interpelado por uma organização visual que privilegia o “agora”, instaurando um efeito de sentido de concomitância. Segundo a perspectiva de Fiorin (2008), essa categoria manifesta-se quando o tempo do dizer se funde ao tempo do acontecido, o que, no ambiente da *Folha*, é operacionalizado pela constante atualização da interface.

Diferentemente do suporte impresso, onde a unidade temporal é marcada pela edição diária e, portanto, o momento da enunciação é estático até a próxima manhã, no digital essa temporalidade é fragmentada em tempo real. Enquanto no papel o leitor consome um bloco de tempo já encerrado (o ontem), a interface digital convoca o enunciatário para um presente em constante mutação e atualização.

Conforme se observa na Figura 1, a subseção intitulada “Últimas” funciona como o centro gravitacional da página. Nela, a arquitetura digital reconstrói um efeito de vivacidade contínua, uma vez que as colunas são dispostas em ordem cronológica decrescente e acompanhadas por marcas temporais precisas, como o horário exato da publicação (indicado pelas setas na imagem). Essa precisão técnica do registro de minutos e horas reforça a ruptura com a dinâmica do impresso: o manuseio aqui não é o de folhear o dia que passou, mas o de acompanhar o fluxo do que está sendo dito agora.

Figura 1 – Interface da seção “Colunas” da Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo on-line.

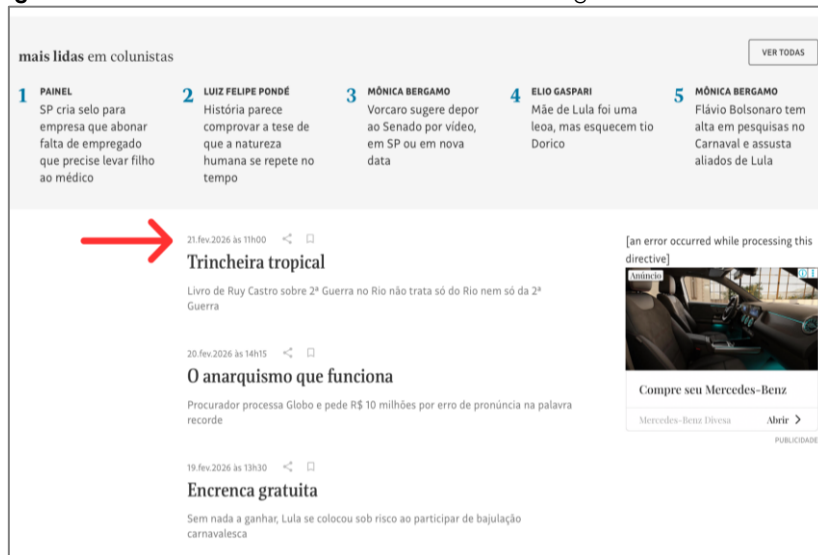
Neste cenário, a temporalidade é construída para simular uma vivacidade ininterrupta. Ao destacar as colunas “mais recentes publicadas”, o enunciador busca apagar a distância entre o tempo da escrita e o tempo da leitura, validando a **concomitância** como a categoria dominante desse primeiro contato. Essa pressa digital, discutida por Faria (2015) ao longo de sua pesquisa, utiliza o espaço da tela para ditar a percepção temporal: o que ocupa o topo da página é validado como o presente absoluto, enquanto o conteúdo que cede lugar na rolagem inicia sua transição para o passado. Nota-se aqui uma distinção fundamental: no jornal impresso, a organização das informações é definida pela relevância editorial (o que é primordial ocupa a capa); no digital, essa priorização é frequentemente ditada pelo relógio. O texto mais novo “empurra” o anterior, independentemente do tema, reforçando que o valor supremo da interface reside na simultaneidade e na atualização constante do fluxo das publicações.

Somado a isso, a arquitetura das “Últimas” evoca a categoria de **posterioridade**. Segundo Fiorin (2008), essa categoria projeta o acontecimento para um momento futuro em relação ao agora da enunciação, o que, no suporte digital, traduz-se na expectativa de atualização permanente – evidência que se confirma adiante pela comparação entre as datas de publicação digital e de circulação impressa (Figuras 2 e 3). Enquanto no jornal impresso o leitor tem a clareza de que o conteúdo é finito, uma vez que a edição está encerrada e nada mudará naquele papel até o dia seguinte, no ambiente da *Folha* o fluxo contínuo de novas publicações antecipa movimentos futuros. O enunciatário não consome apenas o conteúdo exposto, mas permanece em um estado de prontidão para o que virá. Diferentemente do manuseio do impresso, que é conclusivo, a navegação digital é prospectiva: a interface gerencia a expectativa do porvir, consolidando uma lógica de tempo real que a materialidade física do papel é incapaz de sustentar.

Essa dinâmica de antecipação torna-se ainda mais evidente ao se observar que o ambiente digital não apenas acelera o presente, mas dita o conteúdo que integrará o futuro do suporte físico. Em uma análise comparativa realizada entre os suportes, identificou-se que as colunas são disponibilizadas na interface *on-line* com significativa anterioridade em relação à sua circulação no papel. Conforme ilustram as Figuras 2 e 3, esse fenômeno não se restringe a casos isolados, mas revela um padrão editorial: embora as colunas de Muniz Sodré, Dora Kramer e Ruy Castro – situadas logo abaixo e do lado no

fluxo da página – também tenham seguido essa lógica, toma-se como recorte exemplificativo a coluna de Hélio Schwartzman por sua posição de destaque no topo do *print*. Nota-se que o texto do autor, sob o título de “Trincheira tropical”, foi publicado digitalmente em 21 de fevereiro de 2026, às 11h00 (Figura 2), enquanto sua versão impressa só circulou na edição datada do dia seguinte, 22 de fevereiro (Figura 3).

Figura 2 – Coluna de Hélio Schwartzman na interface digital da *Folha de S. Paulo*



Fonte: *Folha de S. Paulo* on-line.

Figura 3 – Coluna de Hélio Schwartzman na edição impressa⁶ da *Folha de S. Paulo*



Fonte: *Folha de S. Paulo* on-line.

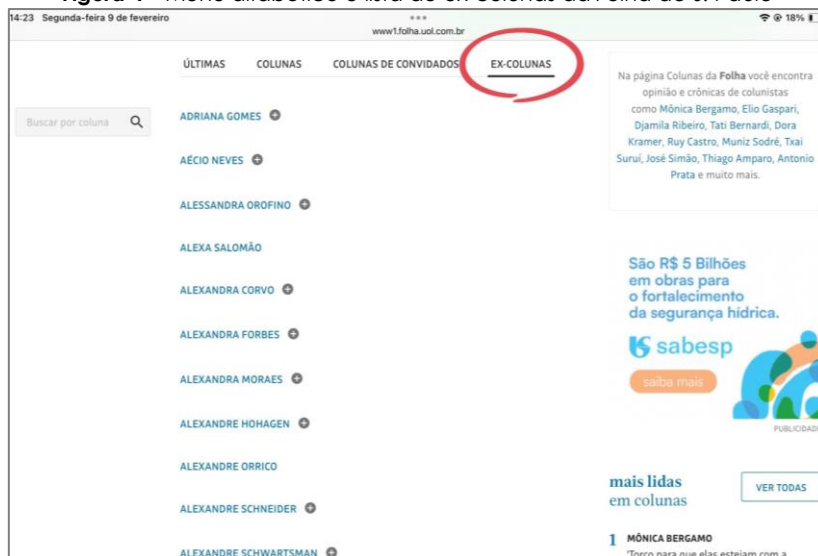
A materialização desse padrão expõe um paradoxo temporal: o que é **concomitância** no digital (o leitor acessando o texto no momento exato de sua liberação no servidor) atua como uma antecipação da **posterioridade** em relação ao ciclo de produção do impresso. Essa equivalência se sustenta na medida em que, no momento do acesso digital, o correspondente impresso ainda não existe como objeto disponível ao leitor. O texto *on-line* projeta, assim, para o enunciatório, uma versão (a impressa) ainda por vir. Enquanto o jornal de papel ainda cumpre seus ritos de fechamento, impressão e

⁶ Vale ressaltar que, para esta exposição, a utilização da versão digitalizada da edição impressa não impacta a análise, uma vez que consiste na reprodução integral da versão física, preservando sua diagramação e conteúdo originais.

logística física, a interface digital já exauriu o frescor da novidade. Assim, o suporte digital se apropria do futuro do impresso, transformando o que seria a notícia de “amanhã” em um consumo imediato de “hoje”. Essa inversão de fluxos confirma que a materialidade do site da *Folha* não é apenas um repositório, mas um agente que subverte a cronologia tradicional, tornando o jornalismo impresso, de certa forma, o arquivo de uma concomitância que, no digital, uma vez consumida, já é não concomitância, já é anterioridade.

Entretanto, a fluidez do suporte digital permite que o enunciatário subverta essa linearidade cronológica. Ao lado das publicações recentes, a interface oferece o acesso à seção “Ex-colunas” (Figura 4), espaço onde o tempo deixa de ser regido pela urgência do imediato e passa a ser articulado pela categoria da **anterioridade**. Conforme os pressupostos de Fiorin (2008), nesta categoria o acontecimento é apresentado como anterior ao momento da enunciação, mas a análise revela aqui uma faceta distinta da temporalidade digital: a não concomitância mediada pela escolha voluntária.

Figura 4 – Menu alfabético e lista de ex-colunas da Folha de S. Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo on-line.

Essa transição marca uma ruptura profunda com a materialidade do impresso. Enquanto no jornal físico o acesso ao passado exige o manuseio de arquivos pessoais ou a busca em bibliotecas e hemerotecas, no digital, o passado é uma aba lateral. Diferentemente do fluxo das “Últimas”, em que o tempo é imposto pela atualização ininterrupta do jornal, na seção de ex-colunistas o tempo é acionado pelo desejo de leitura do enunciatário. Assim, textos historicamente datados permanecem em um estado de disponibilidade imediata, o que lhes confere uma espessura temporal única: o conteúdo é pretérito na data, mas presente no acesso. O arquivo digital não é, portanto, um depósito de descarte como o jornal de ontem que vira papel velho, mas um banco de dados vivo e prontamente recuperável.

É preciso reconhecer, contudo, que essa incursão pela anterioridade é modulada pela natureza dos gêneros discursivos presentes na interface. Enquanto o enunciatário que busca informações estritamente noticiosas é movido pela urgência da notícia do dia, centrada no agora, o interesse pelo arquivo digital é frequentemente pautado, no caso dessas análises, pelo gênero crônica. Diferentemente da notícia, que é perecível e perde

sua função social à medida que o tempo avança, a crônica possui uma raiz literária que não depende da atualidade imediata para produzir sentido.

Assim, o retorno ao passado no site da *Folha* pode ser compreendido e analisado sob a ótica da sustentação do valor estético e autoral do colunista. O acesso à categoria de anterioridade, portanto, não é apenas um recurso técnico da plataforma, mas uma estratégia que atende ao desejo do enunciatário de consumir um texto que, embora historicamente datado, permanece vivo pelo seu caráter reflexivo. No digital, a crônica desvincula-se da validade do suporte impresso e assume uma temporalidade própria, em que a fruição estética prevalece sobre a utilidade informativa do momento.

Essa interface temporal é materializada pela própria arquitetura da interface, que oferece ao leitor não apenas um arquivo estático, mas a liberdade de percurso característica do hipertexto. Como aponta Koch (2007), o hipertexto permite que o sentido seja construído de forma multilinear. No contexto da *Folha de S. Paulo*, essa multilinearidade se manifesta na possibilidade de o enunciatário decidir qual passado deseja atualizar. Ao navegar pela seção de “Ex-colunas”, o leitor executa uma ação que o suporte impresso impossibilita: a de saltar instantaneamente de uma análise do presente para um texto publicado há anos, como exemplificado na Figura 5, que resgata a produção de uma colunista datada de 2016.

Figura 5 – Acesso ao acervo de ex-colunas da *Folha de S. Paulo*



Fonte: *Folha de S. Paulo on-line*.

Esse salto temporal, viabilizado pela arquitetura hipertextual, altera a natureza da relação entre o sujeito e a história do jornal. Nesse sentido, a **anterioridade** deixa de ser um peso morto ou um registro esquecido para se tornar uma opção imediata de consumo. Observa-se que o leitor digital assume um papel mais ativo na constituição do seu saber, visto que o percurso de leitura rompe com a imposição sequencial e finita do impresso. O enunciatário assume um maior controle de sua experiência temporal, exercendo a autonomia de ignorar a urgência do presente para mergulhar em uma discussão de uma década atrás, conforme sua conveniência e desejo.

Por fim, reconhece-se que a organização visual da seção “Ex-colunas” (Figura 4) materializa o que Faria (2015) discorre em suas reflexões sobre a coexistência de temporalidades no ambiente digital. Diferentemente do jornal impresso, onde o passado é descartado fisicamente, a interface *on-line* permite que o tempo seja distribuído em

camadas de acesso simultâneas. Assim, o espaço da tela organiza a cronologia de modo que todos os colunistas, independentemente de estarem sob o regime de **concomitância** (recentes) ou de **anterioridade** (arquivo), habitem um estado de disponibilidade permanente. O tempo cronológico linear, portanto, cede espaço a um tempo de acesso: a barreira entre o “agora” e o “antes” deixa de ser uma exclusão física para tornar-se uma operação de navegação definida pela materialidade do suporte digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo que orientou este artigo – analisar os efeitos de sentido da temporalização no jornal digital, com foco na seção “Colunas” da *Folha de S. Paulo* –, buscou-se compreender como o acesso ao conteúdo jornalístico *on-line* reorganiza as relações entre concomitância e não concomitância (anterioridade ou posterioridade), especialmente quando comparado ao funcionamento temporal do jornal impresso. A investigação partiu do pressuposto, derivado da Semiótica Discursiva, de que o tempo é um efeito instaurado pela enunciação e que tal dinâmica se reconfigura ao ser transposta para a materialidade digital.

Ao longo do percurso teórico, discutiu-se como o tempo linguístico, a hipertextualidade e a ruptura da linearidade contribuem para compreender a temporalidade no ambiente *on-line*. A articulação entre esses referenciais permitiu situar o jornal digital como um dispositivo enunciativo cuja materialidade técnica intervém diretamente na produção de sentidos, organizando novas formas de convivência entre diferentes camadas temporais no momento do acesso.

A discussão evidenciou que o jornal digital amplia e flexibiliza o tempo discursivo, instaurando uma experiência marcada pela simultaneidade e pela superposição de temporalidades. Na subseção “Últimas”, observou-se o predomínio da concomitância, sustentada pela atualização contínua das colunas e pela marcação precisa de horários, o que articula um presente em permanente renovação. Além disso, a lógica de atualização antecipada das colunas em relação ao impresso revelou um funcionamento singular da posterioridade, uma vez que o digital projeta expectativas de futuro e antecipa conteúdos que, no papel, só se materializam no dia seguinte. Por outro lado, a subseção “Ex-colunistas” permitiu verificar o modo como a anterioridade é ressignificada no ambiente *on-line*: longe de constituir um arquivo estático, o passado é disponibilizado como camada acessível e atualizável, possibilitando ao leitor reorganizar seu próprio percurso de leitura e ativar textos distantes no tempo como se estivessem inscritos no agora do acesso.

Diante desses achados, considera-se que o estudo contribui para o debate sobre as transformações da temporalidade no jornalismo digital, evidenciando que a materialidade técnica do suporte condiciona a produção de sentidos e complexifica a experiência temporal do leitor. A coexistência de temporalidades, as menores evidências da finitude do impresso e a atuação mais dinâmica do leitor configuram novos modos de experimentar o tempo discursivo. Como desdobramento, sugerem-se investigações futuras que explorem outros gêneros presentes nos portais jornalísticos e aprofundem a relação entre interface, práticas de navegação e temporalização em diferentes mídias digitais, ampliando a compreensão das formas contemporâneas de construção e circulação do sentido no ambiente *on-line*.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al*. Campinas: Pontes, 1989a. p. 68-80.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al*. Campinas: Pontes, 1989b. p. 81-90.
- CAGLIARI, L. C. (org.). **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.
- CAVALCANTI, H. **Conceitos de tempo na filosofia**. São Paulo: Dialética, 2025.
- FARIA, K. C. A. Temporalização e espacialização no jornal *on-line*. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 185-220, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v13i2.8008>. Acesso em: 23 abr. 2026.
- FIORIN, J. L. Tempo e temporalização. In: CAGLIARI, L. C. (org.). **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 9-39.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Contexto, 2016.
- HAWKING, S. **Uma breve história do tempo**. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 23-38, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>. Acesso em: 23 abr. 2026.
- MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 21-45, 1999. DOI: <https://doi.org/10.20396/lil.v3i3.8663510>. Acesso em: 23 abr. 2026.
- REINBERG, A. **O tempo humano e os ritmos biológicos**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- RIBEIRO, A. E. Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v9i2.15637>. Acesso em: 23 abr. 2026.
- SANTAELLA, L. Diagnóstico do contemporâneo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 38, n. 110, p. 7-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2024.38110.002>. Acesso em: 23 abr. 2026.
- SEINCMAN, E. **Do tempo musical**. São Paulo: Via Lettera, 2002.
- SILVA, E. Categorizações temporais e sentido: modos de descrever “o” tempo em estudos linguísticos. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, Ilhéus, v. 21, p. 1-22, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36113/especiaria.v21i0.4366>. Acesso em: 23 abr. 2026.

TEIXEIRA, L.; FARIA, K.; AZEVEDO, S. T. Enunciação em meios digitais. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 122-135, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.141616>. Acesso em: 23 abr. 2026.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 170-180.

Declaração de contribuição dos autores

Ambos os autores colaboraram em todas as etapas de preparação do artigo, desde sua concepção, passando pela coleta e análise dos dados até sua redação e revisão finais.

Declaração de uso de IA

Os autores declaram o uso da ferramenta de Inteligência Artificial (IA) *Copilot* na produção deste artigo científico, especificamente no processo de tradução dos metadados (título, resumo e palavras-chave). O conteúdo final apresentado é de responsabilidade integral dos autores.

Agradecimentos

Artigo recebido em: 23/03/2026
Artigo aprovado : 17/09/2026
Artigo publicado em: 01/10/2026

COMO CITAR

RHODEN, B. E.; GUERRA JUNIOR, A. L. Entre a concomitância e a não concomitância: efeitos de sentido da temporalização em jornais digitais sob um viés semiótico. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 15, p. 1-16, e02612, 2026.